

4ª PARTE

Discursos

COMPROMISSO DE POSSE (*)

Dimas Macedo

Segundo uma frase do ilustre pensador e tribuno político cearense Eduardo Henrique Girão, "ao escritor o que deve consolar não é o aplauso do momento: é a convicção de que na posteridade será lembrado ou relido". Nesta solenidade, no entanto, em que me deparo unguído pelo sândalo da imortalidade terrena, o que me fascina não é a esperança de que no futuro serei vagamente lembrado ou aplaudido, mas a certeza de que no presente estou comprometido com a minha consciência de produtor cultural, com a minha militância de escritor exilado no espaço literário de uma Província ainda mergulhada entre os domínios do colonialismo cultural.

Não estou na Academia, pois, para desfrutar o rótulo de intelectual que se realizou ou que sonha com a glória da realização. Aqui me encontro para ampliar o meu espaço de participação, para levantar a bandeira da literatura em defesa da transfiguração metafórica da realidade e da sua diversificada tipificação. Aqui me encontro para formar ao lado daqueles que ainda acreditam que a lucidez criativa da palavra é o mais poderoso instrumento de que pode dispor a humanidade para resolver as aporias do homem e resgatá-lo da sua imensa servidão social.

O desespero de um mundo repartido pelo conflito das ideologias e mutilado pela violência das visões parciais me faz aqui refletir os descaminhos pelos quais enveredou a derrota do pensamento e da estupidez desenfreada da prática que bloqueia o exercício revolucionário da ação. A minha consciência de escritor, Senhores Acadêmicos, me garante a certeza de que é com a força das idéias que teremos que remover o entulho da insanidade e da automação que mistifica a trajetória do homem e que o expulsa da morada do ser para habitar a ignorância dos seus próprios desvãos.

Assim sendo, buscar o aconchego cativante da Academia constitui a aventura deliciosa de penetrar na morada do ser, de invadir os espaços imaginários do sonho na procura incessante das respostas para as nossas mais profundas inquietações. Representa, ademais, a oportunidade de abrir novas fronteiras de luta em desfavor das opressões totalitárias e das estruturas sociais desumanas que atentam contra os postulados da liberdade e da intuição racional. Desta

(*) Proferido a 19 de outubro de 1989, no ato de posse da Cadeira n° 11, da ACL.

forma, não me torno Acadêmico para aliviar-me de compromissos que as exigências do cotidiano me obrigaram a aceitar, mas para assumi-los e enfrentá-los com a mais persistente e resoluta determinação, aproveitando o privilégio da dignidade cultural que ora me é conferida para, com ele, cavar novos leitões por onde a esperança de muitos possa navegar.

Aliás, foi navegando nas águas tumultuosas do rio que passava ao largo da infância, que pude compreender a necessidade de enfrentar as correntezas do mundo, deixando para trás a cidade que se espreguiçava sonolenta, alienada à beneditina dependência que a impedia de crescer e prosperar. O rio me parecia provocante e tormentoso na sua capacidade de se reciclar a cada uma das novas invernações, sugerindo-me assim a relatividade de um mundo que eu teimava em dimensionar na minha ânsia incontrolada de apropriação do absoluto.

Numa crônica, quase reportagem, que escrevi nos torturados anos da adolescência, na qual procurava, desesperadamente, me apartar dos laços que me prendiam à sedução da infância, eu terminei compreendendo que a infância é o espaço privilegiado do sonho no qual é possível divisar a saga que nos conduz aos mistérios sublimes da paixão. E cresci, a despeito das asperezas do mundo, alimentando as fantasias e os castelos de vento do menino inquieto da cidade do interior, abandonado numa rua deserta e estreita que possuía uma abertura para a vida. E pedalando o velocípede do sonho, fui aos poucos assumindo a *via crucis* que as incertezas da vida me induziram a experimentar. A *via crucis*, repito, que acaba de me converter num dignatário das letras, justamente num instante da minha caminhada em que me considero ainda um desajeitado aprendiz, porém um aprendiz incomensuravelmente fiel ao exercício da sua profissão.

Eu que mal esbocei, Senhores Acadêmicos, o projeto da obra que um dia sonho poder realizar. E se mal esbocei é porque sinto que tenho urgência de produzir mais e mais, e de elevar, no plano vertical, o resultado da minha produção, correspondendo assim à confiança que vós achastes por bem em mim depositar. Me comprometo, pois, com a execução das tarefas que a Academia Cearense de Letras vier comigo partilhar e que espero não sejam demasiadamente estafantes na proporção em que possam comprometer o ofício mais caro da minha liberdade de criar.

E o compromisso que hoje assumo de permanecer intrincheirado na defesa da literatura, me conduz igualmente à assimilação do drama em que se colocou a condição do escritor. Falo do escritor incompreendido e patrulhado na sua liberdade de expressão e ameaçado pelos laços de dependência que a cada dia mais e mais arrastam a dignidade do homem para o banquete apetitoso da comodidade e da subjugação material, forjando-se assim o ambiente propício para o florescimento da sociedade do medo, da insegurança e da automação.

Se assim se reveste a questão da humanização e da própria experiência que assinala a trajetória do homem, é ao intelectual que cabe a tarefa de sugerir a vanguarda por onde a sociedade terá que caminhar, permanecendo fiel, no

entanto, às suas circunstâncias e ao seu concreto real, sem perder de vista as lições do humanismo crítico com que Hannah Arendt surpreende a irracionalidade da imanência do mundo e questiona o pensamento político da segunda metade do século atual, palmilhando assim o lastro das idéias luminosas com que Antônio Gramsci buscou compreender o tecido das reproduções ideológicas que consolidaram a ampliação do aparelho do Estado e que o transformaram nesse fantasma monstruoso e burocrático cujo enigma ainda se está por decifrar e em cujo esteio foram forjadas as deformações de inspiração totalitária que tanto atentaram e que ainda constituem uma permanente ameaça para as nossas aspirações mais transcendentais e universais. Tudo isto, aliado ao gradativo processo das especializações que invadiram o território do conhecimento e que fizeram da ciência e da técnica paradigmas incontestáveis da verdade e mitos sacralizados da produção do saber, terminou por conduzir o futuro do homem para um oceano de tempestades sombrias, onde a apologia dos valores e dos direitos humanos parece naufragar.

Neste cenário, o papel que cabe ao escritor é o de empunhar a bandeira dos direitos do homem, soerguendo-se da clausura na qual a sociedade os deliberou confinar. A missão que parece reservada ao escritor, pois, consiste em que ele possa participar do processo de interpretação da realidade na qual se encontram inseridas as raízes da sua produção, sem a necessidade, pregada por muitos produtores de cultura, de ter que apelar para a retórica do engajamento como forma de defender a autonomia da literatura e de resgatá-la da hibernação na qual ela sem querer se enredou.

É com essa preocupação, Senhores Acadêmicos, que ingresso neste plenário festivo da Academia Cearense de Letras, para aqui prestar o meu mais decidido compromisso de fidelidade aos infortúnios e aos valores mais representativos da cultura do Ceará, escolhendo nesta oportunidade como escudeiros da minha alegoria e do meu manifesto de amor às vicissitudes da saga cearense as figuras deslembadas de João Pergunta e de Mané Xique-Xique, símbolos, respectivamente, do questionamento e da resistência agregada ao humanismo telúrico com que a criatividade de Newton Craveiro e de Ildefonso Albano buscou prestar uma das mais sentidas profissões de fé aos destinos do Ceará.

Neto de um expressivo poeta popular e repentista cearense, e vinculado, por relações de parentesco, à linguagem dos desbravadores que construíram a civilização do Cariri, como produtor de cultura orgulho-me e jamais poderia desprezar esta minha requintada tradição. Porém a tradição de que mais me orgulho, Senhores Acadêmicos, é a tradição da resistência com que a minha família, nos sertões ásperos do Município de Lavras da Mangabeira, enfrentou os desafios do seu permanente labor, alimentando em mim mesma a epopéia da esperança que ainda hoje me faz acreditar na utopia e na vitória do sonho como o melhor projeto de realização daquilo que a vida nos revela como forma de experiência e de plenificação.

Por isto mesmo é que me considero um homem profundamente ligado às minhas origens e ao drama secular que povoa os espaços ermos do nosso

esquecido sertão. Envelhecido pelas saudades das tardes em que mourejava às margens do rio Salgado e pelas seduções do ambiente lírico e pacata que encobriam as diferenças e os conflitos políticos da minha cidade natal, é no mundo evanescente, mas perdidamente real e concreto da solidão da infância que tenho buscado inspiração para alguns poemas que me têm ministrado o lenitivo para as inquietações que em mim estão permanentemente a aflorar. Angustiado, desesperadamente angustiado e insatisfeito com os desacertos do mundo, é com aflição que tenho procurado pesquisar nas contradições da sociedade de hoje as raízes da crise cujo diagnóstico a produção teórica deste século ainda não ousou consistentemente formular.

Como pode ser facilmente percebido, Senhores Acadêmicos, me proponho um escritor inquieto e questionador, um escritor que não escreve unicamente para o deleite do espírito, mas para assumir um compromisso com os imperativos do diálogo e da participação, com os apelos do pensamento crítico e com o resgate das prerrogativas humanas tremendamente injustiçadas pelos descompassos de uma sociedade que se propõe em estágio de barbárie quando devia estar degustando os eflúvios da civilização.

Comedido e ponderado em situações como esta que as turbulências da vida me têm permitido desfrutar, estou consciente que não me devo alongar em demasia para não ofuscar o brilho desta noite, que para mim representa o reconhecimento maior das minhas preocupações de escritor, aqui tão calorosamente acalentadas pelo pronunciamento com que o ilustre Acadêmico Sânzio de Azevedo exaltou o exercício da minha produção, produção que sei infinitamente menor que as inquietações e a sede de pesquisa que trago dentro de mim. Ser recebido, na Academia Cearense de Letras, pela palavra autorizada do Professor Sânzio de Azevedo, que é, indiscutivelmente, o maior pesquisador da história literária do Ceará, se constitui para mim motivo de minha melhor satisfação.

Ingressar na Academia Cearense de Letras para sentar-me na Cadeira que tem como Patrono o Barão de Studart e que teve como último ocupante o poeta José Valvidino de Carvalho, representa para mim um privilégio que talvez possa estar acima da minha precária condição de escritor. Sendo o Barão de Studart, do alto da sua destacada e incontestável sapiência, o maior sistematizador da historiografia e dos fatos históricos do Estado do Ceará, acho que isto já é suficiente para mensurar a responsabilidade que neste momento desaba por cima de mim.

No que tange a José Valdivino de Carvalho, lícito me seria aqui reconhecer o quanto o seu nome representa como exemplo de simplicidade humana e de grandeza poética alimentadas pelos mistérios do seu imenso coração. A dimensão telúrica, a mensagem lírica e a magia terna e sutilmente comunicativa da poesia de José Valdivino de Carvalho lhe dão com certeza a projeção por ele alcançada nos quadros da literatura cearense da sua geração. Dele, no entanto, o que gostaria de destacar é a sua aptidão de cultor da língua vernácula e de conhecedor das sutilezas semânticas que envolvem a arte de criar. Nos ensaios

em que decifra os enigmas da língua portuguesa e em que estuda a “Comédia Angélica” de José Albano ou a poética do Padre Antônio Tomaz, José Valdivino de Carvalho parece assumir uma postura superior de intelectual, de ensaísta e de crítico que se engrandece pelos acertos das suas conclusões.

O fato de ele haver expressado, em 1980, a convicção de que num prazo não superior a dez anos eu viria a ocupar uma Cadeira deste tradicional sodalício, não deixa de revelar a ressonância dos segredos que habitavam as profundezas do seu coração. Aliás, *Coração*, conjunto de poemas de 1939, é justamente o título com que José Valdivino de Carvalho nomeia o seu livro de estréia, e é também como o coração que ele produz *A Flor da Jurema*, de 1942, e as suas *Tardes Sem Sol*, de 1978. Nas historinhas que escreveu para os seus netos e bisnetos, em 1984, no seu ensaio *O Perigo da Coeducação*, de 1940, assim como nos demais textos e plaquetas que compõem o elenco da sua luminosa produção, flui com certeza a dimensão do escritor comprometido com os apelos da arte e com a placidez cristalina da vida que ele soube revelar como ninguém.

Finalmente, gostaria de consignar que estou plenamente convicto que os mandamentos da praxe acadêmica estariam a me exigir um discurso circunstancialmente mais abrangente e um mais consistente elogio do Patrono e do último Titular da Cadeira que a partir deste instante passo a ocupar. A respeito do Barão de Studart e de José Valdivino de Carvalho a vós prometo falar de forma mais demorada em outra ocasião. E para não cometer maiores desatinos, próprios de quem se deixa levar pela sugestão da palavra em situações ocasionais, gostaria de encerrar por aqui o manifesto em que deixo lavrado o meu compromisso de posse nesta Casa que muito bem tem sabido guardar as tradições mais expressivas da cultura do Ceará.

Sou grato a todos e a cada um dos Senhores Membros da Academia Cearense de Letras que tiveram a generosidade de sufragar o meu nome para integrar os quadros desta conspícua instituição, quando justamente lá fora existem outros escritores com maior experiência no domínio e no processo de compreensão da escrita e certamente mais merecedores do que eu. O fato de ter sido eleito para a Academia Cearense de Letras, aos 32 anos de idade, o que me possibilitou a primazia de ser o mais novo escritor convocado a participar do convívio acadêmico, em todo o percurso da história literária do Ceará, faz pesar sobre mim uma responsabilidade superior ao comprometimento dos demais. A minha trajetória de lutas, no entanto, aliada à minha disposição de produzir e crescer, me asseguram a certeza de que saberei cumprir a missão. Estou pronto, pois, para servir à causa que o exercício da literatura e a permanente aventura do espírito acharam por bem a mim reservar. É isto, sinceramente, o que eu gostaria de dizer.